

o mundo de nora roberts

ava miles

Tradução de Ana Mendes Lopes

Para as duas mulheres cujo apoio ajudou a tornar este livro possível:

A incomparável Nora Roberts, por não se importar que use o seu nome neste livro — e pelas suas histórias com finais felizes, ou histórias no Mundo de Nora Roberts, como lhes chamo, que me deixam sempre mais animada, mas mais importante do que isso, que me ajudaram a passar muitas noites tensas em lugares perigosos enquanto tentava salvar o mundo com o meu humilde contributo.

A minha maravilhosa irmã, Michelle, por me ter deixado contar esta história, que é inspirada na sua vida — comprovando a teoria de que a realidade pode ser mais estranha do que a ficção. Os finais felizes ganham sempre, se os procurarmos com persistência.

Para a minha comitiva divina, que todos os dias me mostra o caminho para a alegria.

Agradecimentos



Há uma enorme quantidade de pessoas que me ajudaram a construir a escada para alcançar os meus sonhos:

A minha antiga agente, Jennifer Schober, que deixou o cargo recentemente por motivos pessoais, mas que adorou este livro de imediato, como eu, e que me ajudou a encontrar o seu potencial máximo. Tenho saudades tuas.

A Mary Blayney e à sua disposição em aceitar as asas de anjo ao dar-me a sua generosa ajuda para conseguir receber a bênção da Nora Roberts para este livro e por ser uma querida e confiável amiga.

A Laura Reeth, a fenomenal agente publicitária da Nora, que também me ajudou com o meu pedido e com muitos outros, e a quem agora chamo de amiga.

Aos incríveis membros da Equipa Ava, incluindo os ajudantes na publicidade, Joan Schulhafer, Debby Tobias e Alissa Di Giacomo da Joan Schulhafer Publishing and Media Consulting; Elizabeth Bemis e Sienna Condy da Bemis Promotions por terem trabalhado no meu *website*; à minha editora, Angela Polidoro; ao Killion Group pela capa; à minha revisora Helen Hester-Ossa; ao Gregory Stewart pelas fotos de publicidade, o espantoso mapa de Dare Valley e um milhão de outras coisas; à Dr.^a Tabitha King e Janet Geary por me ajudarem na pesquisa e, por fim, à minha espantosa guru *indie*, Meredith Bond.

A Diane Gaston, a primeira autora que conheci nesta viagem, que me ajudou a encaixar algumas peças soltas e que está sempre disponível para partilhar as suas capacidades e ferramentas quando preciso de ajuda, principalmente em relação a este livro.

A Evie Owen, que me ajudou a encontrar um novo caminho para esta história e por me fazer rir.

Às meninas do retiro Inn Boonsboro, que fazem da nossa caminhada à estalagem da Nora um dos pontos altos do meu ano.

Aos inspiradores professores de escrita, desde a minha professora do sexto ano, Jackie Mason, até aos professores universitários Dave Jauss e Michael Kleine — e muitos outros sem nome, incluindo um grupo de mulheres de Escritoras de Romances da América e Escritoras de Romances de Washington, que tão generosamente partilham as suas capacidades.

Dan Baumstark, Kerrith McKechnie, Christine Spence, Julia Turner, Abhaya Schlesinger, Zahra Yousefi, Karen Dobson, Francis Ramirez e outros que me ajudaram e apoiaram de muitas formas maravilhosas.

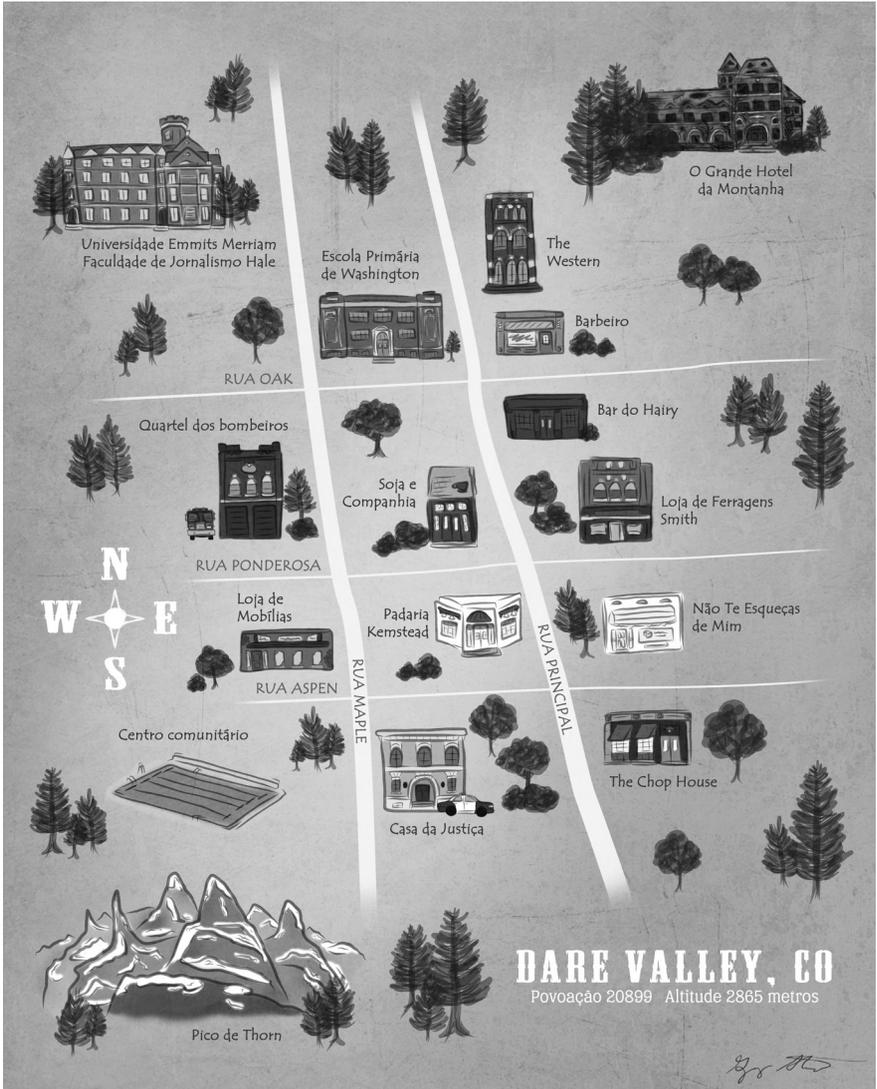
Ao meu primo Terry Miles, por ser a fonte jornalística da minha família e por partilhar as novas histórias sobre o nosso trisavô, o fundador, que aparentemente ganhou o primeiro jornal num jogo de póquer quando as Planícies eram o Wild West.

Jai Singh e Thuy-Doan por criarem espaço para que pudesse ser verdadeiramente eu e encontrarem sempre gargalhadas no divino ou mundano.

À minha família, que sempre me apoiou, que chorou com a dor das minhas personagens e as suas atitudes, confirmando que estava no caminho certo para tocar no coração das pessoas enquanto as entretinha com uma história.

Ao meu TF, por coisas conhecidas e ainda por conhecer. Amo-te.

E finalmente, a todos vocês que estão a ler este livro. Obrigada. Desejo que cada um de vocês encontre o seu próprio Mundo de Nora Roberts — seja lá qual for a vossa forma preferida.



Prólogo



Os contos de fadas, à semelhança do que acontece com os sapatos, existem em todas as formas e tamanhos. Os sapos transformam-se em príncipes. Os príncipes ajudam as raparigas a calçar sapatos de cristal.

Voltamos aos sapatos. Os sapatos são uma peça reconfortante, não são? Nunca me desiludiram, nunca me abandonaram nem destruíram os meus sonhos de viver feliz para sempre.

O meu marido nunca se transformou num príncipe garboso. Manteve-se sempre firmemente na família dos répteis, talvez sob a forma de um camaleão? Tenho quase a certeza de que se algum dia eu perdesse um sapato — mesmo um de valor incalculável como, digamos, um *Manolo Blahnik* de edição limitada —, ele não mexia uma palha para me ajudar a encontrá-lo. Por que motivo não consegui ver que ele jamais seria o meu príncipe?

Os contos de fadas modernos só existem nos romances escritos por autoras como a Nora Roberts. Durante anos, as suas palavras levaram-me para um lugar encantado onde o amor conquista tudo. E eu acreditei que era possível — acreditei com todas as minhas forças. Agora, preciso de pôr o amor e todas as suas falsas promessas de lado. De qualquer maneira, o amor é uma coisa confusa.

Por isso... vou comprar mais sapatos. Não, risquem isso — vou comprar *lingerie La Perla*.

Quero ser uma nova super-heroína agora... a Super Divorciada.
Ela saberia o que fazer depois de assinar estes papéis.
Talvez ter um *alter ego* me ajude a recuperar a confiança.
Afinal, já tenho sapatos suficientes e, de qualquer maneira, eles não me ajudaram a chegar a lado nenhum.

Entrada do diário da jornalista Meredith Hale
no dia do seu divórcio.

Capítulo 1



Meredith Hale observou a montra da livraria. Ali estava ele — o novo livro da Nora Roberts —, na capa uma paisagem arrojada e poderosa do céu e de água.

O seu *alter ego* de super-heroína, a Super Divorciada, não conseguiu ultrapassar a onda de arrepios que se abateu sobre os braços da Meredith nem o nó que se formou no seu estômago. Meredith deu uma palmadinha no sutiã de renda vermelha *La Perla* escondido por baixo do fato preto e deu um passo hesitante em direção à montra, com a respiração ofegante enquanto observava a proeminente exposição de livros da autora. Imaginou que a Super Divorciada lhe diria para aguentar. Afinal, era apenas uma livraria. Não era como se precisasse de levar uma bala pelo presidente, nem nada.

Há um ano que deixara de ler os livros da Nora de um momento para o outro, quando o ex-marido, Rick-o-Cabrão, atirou com *O Segredo de Black Hills* contra a parede, a rosnar que a autora favorita dela lhe dera uma visão irrealista do amor. «Os nossos problemas maritais são culpa *dela*», disse ele. «Ela fez-te acreditar na noção de felizes para sempre — coisa que *qualquer adulto sabe* que é um mito. Cresce.» A seguir pôs os fatos feitos à medida na mala e bateu com a porta do apartamento elegante em Manhattan, onde o casal vivia.

Inicialmente, a Meredith ainda pensou que ele tinha razão, mas sentia

falta dos livros da Nora. E não os ler não facilitou em nada o processo de divórcio. Não fez com que os ataques de pânico desaparecessem.

Ela queria voltar a ler a sua Nora Roberts, caramba. Estava na altura de voltar a reclamá-la para a sua vida.

Infelizmente, só de olhar para a capa sentia-se à beira de um ataque de pânico. Sentiu as mãos a ficarem transpiradas. Limpou-as ao fato preto e procurou o telemóvel na mala a condizer. A irmã havia de conseguir ajudá-la a entrar na livraria. Afinal, a Jill conseguia convencer qualquer pessoa a fazer o que quer que fosse.

— Olá, Mere — cumprimentou a Jill, com o sempre presente som da sua banda favorita, os ABBA, em pano de fundo. A Jill queria viver como uma rainha da pista.

— Olá — respondeu, certificando-se de que soava mais calma do que na verdade se sentia. — Como está hoje o café?

— Bem, depois de o vendedor regional de leite ter tentado convencer-me a mudar o nome de Soja e Companhia para Leite e Companhia, fiquei prestes a bater com a cabeça na máquina registadora. Ele era tão burro. Ainda tentei explicar a piada com a palavra soja, mas ele limitou-se a olhar para mim e a pestanejar como uma daquelas vacas leiteiras vagarosas e disse: «Oh».

A sensação de pânico da Meredith começou a aligeirar. A Jill e as suas histórias eram sempre muito reconfortantes.

— Em Nova Iorque não me cruzo com muitos vendedores de leite. Ele tem uma farda específica?

— Não, graças a Deus. Por falar em leite, recebeste o meu presente?

Aproximando-se da montra da livraria para não ser atropelada por uma onda de pedestres, respondeu:

— Estás a falar da caneca com a inscrição «Gosto Muuu-ito de Ti»?

— Sim. Ainda tentei agradar ao homem do leite dizendo que ia expor as canecas, mas o homem não se ia embora nem por nada. Até se ofereceu para me ensinar a ordenhar uma vaca. Eu acho que estava a atirar-se a mim.

Quando a Meredith abafou uma gargalhada, um banqueiro que passou por ela olhou-a com ar reprovador. Os sapatos, cinto e pasta do homem condiziam na perfeição — eram o uniforme de Wall Street.

— E eu que pensava que a minha vida amorosa era patética.

— Qual vida amorosa?

— És muito engraçadinha. Por falar nisso, estou no exterior de uma livraria. Hoje de manhã acordei e decidi que quero ler.

— Ó querida, não sabia que eras analfabeta.

— Ah! — Olhou para o mar de gente que saía e entrava da livraria da Rua 82 com a Broadway.

— Muito bem, inspira profundamente como se estivesses no *yoga*. Caramba, Mere, pareces a tia-avó Helen quando tirou a bomba de oxigénio para beber um gole do uísque do avô no Natal.

— Isso. Respirar. — Era impressão sua ou estava a começar a ficar com a vista turva? — Vou dar um passo.

— Oh, fofa, quem me dera estar aí com a mãe para ver.

O sentido de humor da irmã sobrepôs-se à neblina que se instalara na sua cabeça. A Meredith não tinha a certeza se continuava dentro do seu corpo, mas a verdade é que este se mexeu quando decidiu caminhar. A mão conseguiu abrir a porta. Entrou na livraria com as pernas trémulas, como um ioiô com o fio solto.

— Já entraste?

Dirigiu-se de fininho para um dos corredores de livros à medida que as pessoas passavam.

— Já.

— Bem-vinda de volta à terra da leitura.

Havia alguma coisa mais reconfortante no mundo?

— Obrigada. Estou junto à secção de *thrillers* e suspense. Faz-me pensar no avô. Ele está convencido de que há uma espécie qualquer de conspiração na universidade. Estou a investigar o negócio da droga entre os universitários para ele. Talvez fosse melhor comprar-lhe um livro do John Grisham.

— Eu sei! Ele está sempre a pedir-me informações sobre as festas a que fui. Já lhe disse que era basicamente pessoal a beber demasiado e a vomitar a seguir. Fim da história.

— Diz isso ao seu instinto jornalístico infernal. — Não que ela pudesse falar muito. O seu ADN Hale também lhe dera um instinto semelhante.

— Eu sei que a família está muito grata por ajudares com o jornal depois do ataque cardíaco do pai — disse a irmã. — Mas ele continua a trabalhar de mais. Adora o jornal como se fosse um filho, é igualzinho ao avô.

— Eu sei, Jill. — Subitamente sentiu-se pressionada pela culpa, que tinha quase tanta força como o pânico. Ela estava a *ajudar*, mas gostava de poder fazer mais. Por vezes, estar longe era mesmo uma treta.

A irmã pigarreou.

— Não sei bem como te dizer isto, mas precisas de saber. Lamento que

o sentido de oportunidade não seja o melhor, com o primeiro aniversário do teu divórcio e tudo, mas... — Do outro lado da linha, a respiração da irmã estava um pouco irregular. — O médico está preocupado com os progressos do pai e quer que ele tire algum tempo para descansar. A mãe não queria pedir-te nada, mas alguém tem de ajudar o avô. Eu sei que ele ainda está aí para as curvas, mas já tem mais de 70 anos. Achas que há alguma forma de poderes vir para cá e ajudar durante alguns meses? Eu ajudava, mas tenho zero instinto jornalístico. Além disso, tenho de gerir o café.

— Ir para casa? — Deu um encontrão a um expositor de livros e uma pilha inteira de James Patterson de capa dura caiu para o chão. Os seus pulmões pareciam ter deixado de funcionar perante a ideia de regressar. — Não consigo respirar... e queria mesmo muito fazê-lo. — Inspirou pela boca.

— Vai para o café e senta-te. Põe a cabeça entre os joelhos.

A Meredith cambaleou até encontrar uma cadeira e avistou a secção de romance ao longe. A pressão que sentia à volta das costelas podia competir com uma jiboia a matar a sua vítima. Não se importava com o que as pessoas iam pensar. Quando começou a ver tudo vermelho, pôs a cabeça entre as pernas.

O telemóvel vibrou na sua mão, sinalizando outra chamada. Ignorou-a e inspirou profundamente. Quando sentiu o equilíbrio a regressar, inspirou profundamente até ter a certeza de que inalava todo o ar que circulava por Manhattan. Voltou a aproximar o telemóvel da orelha.

— Ainda estás aí?

— Estou. Sentes-te bem?

Era a pergunta do ano.

— Não desmaiei, mas estive perto.

— Meredith, o teu marido traiu-te e a seguir culpou-te por isso, a ti e aos livros da Nora. Passaste por uma enorme privação emocional. Dá-te algum desconto. Estou sempre a dizer isto à Jemma também.

A melhor amiga da Jill acabara de levar com os pés, mas do namorado que tinha desde a infância.

— Tu és muito boa a dar conselhos.

— É a prática. A Jemma está destrozada.

— Sim, eu percebo. — Sentia os olhos a arder e comprimiu a cana do nariz. — Não consigo suportar nem mais uma noite no meu apartamento. Tenho saudades da minha casa de Tribeca, de comer nos restaurantes e ir às inaugurações nas galerias de arte. Não sinto saudades do Rick-o-Cabrão, mas sinto falta de fazer parte daquele mundo tão atarefado.

— Estás a fazer o luto da tua relação enquanto Casal Poderoso, Mere. Talvez voltar para casa para ajudar com o jornal te dê uma nova perspetiva. Tu não tens família nenhuma aí. A maior parte dos teus amigos mudou quando te divorciaste.

Era verdade, no último ano tornara-se bastante familiarizada com a noção de «amigos por conveniência».

— Eu tenho saudades vossas. — Mas voltar para casa? Vivia em Nova Iorque desde que viera estudar para a Universidade de Columbia. — Deixa-me ir buscar um café.

— Quem me dera estar aí para preparar o teu café favorito. Depois dava-te um abraço gigantesco e contava-te sobre a Paige Lorton que sniffou natas e se engasgou e depois teve de vir o velhote Perkins fazer-lhe a manobra de Heimlich.

A gargalhada da Meredith saltou-lhe da garganta como os últimos grãos de milho no micro-ondas.

— Oh, Jill, eu adoro-te.

— Eu também te adoro. Tu és a minha mana grande e tenho muitas saudades tuas, Mere.

Segurou o telemóvel longe da cara por um instante e encaminhou-se para o balcão para pedir um café — um *latte* grande, sem espuma — antes de voltar a arrastar os pés até à cadeira. Deixou-se cair contra as costas de metal e voltou a levar o telemóvel à orelha.

— Deixa-me pensar melhor sobre este regresso a casa.

— Certamente a Karen sabe como trabalhaste arduamente desde que entraste para o jornal dela. Já lá estás há um ano. Além de que é o jornal rival do Rick-o-Cabrão, isso deve dar-te pontos extra.

O café apareceu à sua frente como por magia. Levantou os olhos e viu uma barista baixinha com o cabelo esticado.

— Está com ar de quem precisava que lhe trouxesse isto.

A bondade não era um gesto muito comum em Nova Iorque. Na sua terra natal, em Dare Valley, no Colorado, acontecia mais vezes do que aquelas que podia contar.

— Obrigada. — Sentiu-se invadida por uma onda de saudades de casa. — Talvez tenhas razão, Jill. Seria bom estar perto de pessoas que me conhecem.

— Ótimo! Então pensa nisso. Fala com a Karen. Mas agora, acaba o teu *latte* e a seguir entra na secção de romances. O Mundo de Nora Roberts está à tua espera!

Um sorriso apareceu nos lábios da Meredith.

— Esqueci-me de que a mãe costumava chamar isso aos livros dela. Ela apontava o dedo ao pai e dizia que ia tirar algumas horas para visitar o Mundo de Nora Roberts e a seguir fechava-se no quarto. Era uma espécie de Disneylândia para adultos. E o pai nunca entendeu.

— Pois não, mas pelo menos nunca culpou os livros da Nora pelo divórcio. O Rick-o-Cabrão é o tipo de homem que não consegue assumir a responsabilidade pela sua traição, por isso culpou-te a ti e os livros de ficção. Diz lá se isso não é a coisa mais patética de sempre? É como culpar o *Romeu e Julieta* do suicídio adolescente. É asinino.

— Na verdade, acho que já fizeram isso. — Bebeu o resto do *latte* e levantou-se. Testou o equilíbrio. — Muito bem, estou preparada.

— Então desfila até à secção de romance.

Não foi a desfilas, mas tropeçou — duas vezes. Graças a Deus, havia pilhas de livros por todo o lado para se agarrar. Quando passou pelos jornais, parou de repente, com os olhos a fixarem-se numa fotografia do ex-marido com aquele sorriso convencido que ele usava para fazer com que as mulheres se apaixonassem por ele, ela incluída.

— O Richard está na capa da *The New York Man* — arquejou, olhando para o patriótico fato azul e gravata vermelha que ele usava.

— O quê? — perguntou a Jill, provavelmente porque a Meredith parecia um fumador a oxigénio.

— O Rick-o-Cabrão está na capa de uma revista — disse, pronunciando cada palavra separadamente. — Uma espécie de *GQ* local semanal.

— O que diz? Por favor, diz-me que ele se assumiu como transformista e agora está a passar a tua *lingerie La Perla*.

Depois da separação do Rick, ela deitou fora toda a sua roupa interior de algodão e substituiu-a por sutiãs *La Perla* com cuecas a condizer. Munida da sua *lingerie* sensual, a Super Divorciada era como uma super-heroína, sem a capa esvoaçante e *collants* iridescentes. Claro que era um pouco estranho criar um *alter ego* para si mesma, mas aquilo ajudava-a a avançar com a vida. Podia fazer de conta que era uma jovem e sensual nova-iorquina, capaz de deixar qualquer homem pelo beicinho.

Já se passara algum tempo desde que deixara algum homem pelo beicinho. Muito, muito tempo.

Desde o Rick-o-Cabrão. Grande sacana.

Leu o título da reportagem: «Magnata dos *Media* Decide Apostar na Arena Política».

— Oh, merda — disse, pegando num exemplar.

— O que foi? — gritou a irmã.

— Os rumores são verdade. — Procurou o artigo. — O Rick vai finalmente fazê-lo. Faz parte de um comité exploratório para concorrer ao Senado.

— Estás a brincar. Bem, esta é a única altura em que gostava de estar em Nova Iorque, para poder assinalar «Não» no boletim de voto.

Leu o artigo por alto, sustendo a respiração enquanto verificava para ver se ele cumprira o acordo entre ambos. Não cumprira. Teria sido por isso que o coração começara a bater-lhe com força no peito assim que viu a capa?

— Ele quebrou o acordo de não falarmos sobre o divórcio.

— Grande cabrão. O que é que diz?

— Diz... — O ritmo cardíaco da Meredith duplicou enquanto lia a matéria. Sentiu-se tentada a pôr a cabeça entre as pernas outras vez, apesar de estar de pé. — Ele disse que tínhamos ideias *diferentes* sobre a nossa vida em comum. Ele quer servir um bem maior. Proporcionar informação ao público e... melhorar as suas vidas. Que cambada de tretas. Oh, e agora quer servir como funcionário público de um gabinete eleito pelo povo. Diz que eu queria uma família mais tradicional com filhos, *daquele tipo que se encontra nos livros*, não que ele seja contra. — A mágoa ardia nas têmporas perante mais esta traição ao mesmo tempo que lhe dava vontade de rasgar a revista em pedaços. As velhas feridas voltaram à superfície, abertas e cruas.

— Que imbecil, parvalhão... — disse a irmã.

A Jill continuou a chamar-lhe nomes enquanto a Meredith sentia a cabeça a andar à roda. Chamou uma funcionária da livraria, que levava uma braçada de livros.

— Quando saiu esta edição da revista?

A jovem mulher parou e expirou profundamente.

— Esta é uma edição avançada. Conseguimos negociar para a termos exposta antes dos outros pontos de venda, uma vez que é uma história importante. Ele é bem giro, não é? Eu votava nele. — E foi-se embora sem mais uma palavra.

A Meredith voltou ao telemóvel.

— Nós concordámos que não falaríamos do divórcio. Fizemos um acordo.

— E desde quando é que ele cumpre as promessas que faz? Aposto que neste momento está muito nervoso, com receio de que fale aos meios de

comunicação social sobre as infidelidades dele. Os eleitores não gostam de traidores.

Ou de políticos que pagavam para ter sexo... Mas isso não o impedira. Nada o impedia. Era por isso que lhe chamavam magnata. O telemóvel voltou a vibrar. Ela olhou para o ecrã. O número familiar fê-la ficar sem ar novamente. Depois a raiva que sentia entrou em ação.

Rick-o-Cabrão estava a ligar-lhe. Pois bem, ele não era o único que tinha coisas para dizer.

— Jill, o Richard está a ligar-me. Já te ligo.

— Espera...

Desligou e atendeu a chamada dele.

— O que diabo queres?

— Meredith — começou ele por dizer alegremente. — Presumo que não te consegui apanhar antes de saberes das notícias?

— Não, não conseguiste.

— Hoje de manhã liguei três vezes para a tua assistente. Quando ela me disse finalmente que não conseguia entrar em contacto contigo, decidi tentar o teu telemóvel.

Encostou-se a um expositor. O som suave e encantador da voz dele deixava-lhe os joelhos trémulos.

— És um cabrão. Quebraste o nosso acordo.

— Bem, não pude evitar. Os eleitores querem saber destas coisas. Fui tão encantador quanto possível. Elogiei-te ao máximo, mas o jornalista decidiu não incluir essas citações.

Com este tipo nem lixívia conseguia limpar tanta treta que lhe saía da boca.

— Aposto que elogiaste.

— Então, estou a ligar só para te dar um toque. Acho que não vais ter demasiados jornalistas a ligar-te, agora que anunciei que vou fazer parte do comité, mas agradecia que mantivesses as tuas declarações curtas e agradáveis. Podes dizer como sou uma pessoa ótima e que, apesar de não termos sido bem-sucedidos como marido e mulher, achas que serei um excelente senador.

A lata deste homem. Começou a ver tudo vermelho por mais razões do que a falta de oxigénio.

— Que grande sacana.

— Ouve, Meredith...

— Não, é que podes parar já por aí! Não me ligaste antes porque sabias que eu ia objetar. És uma pessoa egoísta até ao tutano.

Algumas pessoas que andavam por ali ergueram o sobrolho para ela e afastaram-se.

— Caramba. Tinha esperanças de que não te comportasses assim. Fui muito generoso contigo no acordo de divórcio, pelo amor de Deus.

O dinheiro era apenas uma das suas muitas ferramentas de manipulação.

— O dinheiro nunca foi importante para mim. Deus do céu. Eu amava-te! — Cerrou os dentes para tentar controlar-se. Este jogo podia ser jogado por duas pessoas. Ela também tinha muitas ferramentas. — Estavas com esperança de comprar o meu silêncio, era?

— Meredith...

— Cala-te. Tu sabes o que eu sei, e se não me deixas em paz e fora das tuas... mensagens da treta de funcionário público, não me responsabilizo pelas minhas ações, exatamente como faz alguém que eu conheço.

— Não tentes ameaçar-me.

— Não tentes gerir-me! Não tens qualquer direito para me dizer o que devo fazer e, se tentares, juro que farei com que te arrependas. Adeus, Richard.

Desligou o telemóvel com tanta força que partiu uma unha. Sentia a cabeça a zunir como se um enxame de abelhas tivesse encontrado mel no seu cabelo. Dirigiu-se a passos largos até à secção de romances.

Nunca mais deixaria que ele a controlasse.

Os pés levaram-me para a frente e quando deu por si já tinha nas mãos um exemplar de capa dura do novo livro da Nora. Acariciou a lombada. Passou com os dedos sobre o logótipo NR. Inspirou profundamente para acalmar o coração que batia descompassado.

Como pôde alguma vez ter cedido à acusação do Rick-o-Cabrão?

Ele só dizia merda — baldes e baldes dela.

O divórcio de ambos não tinha nada que ver com nenhuma imagem pomposa do romance e do casamento. O casamento de ambos acabou porque ela era casada com um idiota traidor e megalomaniaco.

Deus do céu, ela tinha de ultrapassar isto, tinha de o esquecer. Não ia deixar que aquele homem arruinasse o resto da sua vida.

Comprimiu o livro contra o peito. O coração acelerado acalmou-se. Conseguia sentir o abraço caloroso da Super Divorciada.

Os livros da Nora elevavam o espírito humano, faziam com que os seus leitores tivessem esperanças em algo melhor — romance, sexo fogo, amor, independência, família e a vitória do bem sobre o mal. O Mundo de Nora Roberts. Ela queria acreditar novamente nisto.

Precisava de acreditar novamente.

Caminhou por entre as prateleiras para pegar nos livros que tinham sido editados desde o dia do seu divórcio — principalmente os que a Nora publicara sob o seu pseudônimo J. D. Robb. Estava mesmo a precisar de uma boa dose de Roarke. Talvez um dia viesse a encontrar a sua própria versão deste homem de sonho.

Os olhos da Meredith pousaram sobre a antologia *Going Home*. Fê-la lembrar da Jill a pedir-lhe que regressasse a casa para ajudar a família. O que era mais importante do que isso? Se se recordava bem da história, tinha sido isso que a heroína do livro fizera. E ao fazê-lo, ao regressar a casa, encontrara O Tal.

Então, o que faria uma heroína da Nora nesta situação?

A pergunta era um murmúrio na sua cabeça. Tamborilou com a unha no livro, enquanto pensava.

Uma heroína da Nora... enfrentaria os seus maiores medos com coragem, sem arranjar desculpas.

A cabeça da Meredith clareou e ao mesmo tempo as centelhas de uma ideia brilhante começaram a surgir. Um novo propósito.

Não sei se estou preparada para isto, pensou, mas vou dar uma nova oportunidade ao amor. Ia marchar até ao escritório e dizer à patroa que precisava de voltar para casa para ajudar o jornal da família. Mas enquanto lá estivesse, também ia trabalhar numa peça para o *Daily Herald* — uma história de interesse pessoal sobre uma mulher divorciada que regressa à sua pequena cidade natal para encontrar o homem certo para si e viver feliz para sempre, ou seja, para encontrar o Mundo de Nora Roberts.

A família podia pagar-lhe o salário enquanto trabalhava para eles, por isso o dinheiro não era um problema. A Karen sabia que ela era uma mais-valia para o jornal e guardaria a sua posição enquanto estivesse fora. Se não o fizesse, bem, havia de arranjar outro emprego. O nome Hale abria portas e ela já construía a sua própria reputação na cidade. Além disso, iria escrever esta história toda, não importava como corresse. Quem não queria ler sobre uma mulher traída que acredita novamente no poder do amor?

Foi para a caixa de pagamento. Estava na altura de experimentar algo novo.

Is esquecer o Rick-o-Cabrão, nem que para isso tivesse de sair com todos os homens de Dare Valley.

Capítulo 2



Tanner McBride parou na esquina da rua, à espera de que o semáforo mudasse. Adorava aquele caos controlado, as buzínadelas dos condutores agressivos e as resmunguices dos nova-iorquinos enquanto abriam caminho pelos passeios no seu passo determinado. O facto de não precisar de se preocupar em ser alvejado ou observado só porque era americano deixava-o quase com uma sensação de tontura.

Uma pronúncia britânica chamou-lhe a atenção e virou a cabeça. Dedos pálidos apontados para um mapa da Baixa de Nova Iorque. Uma senhora de idade com um vestido às flores ia a abanar a cabeça enquanto se encaminhava para o trânsito.

Ao ver que se aproximava um táxi, o Tanner precipitou-se para a frente e puxou-a novamente para o passeio. O carro passou velozmente, soprando o seu novo casaco desportivo como se estivesse no estendal a secar.

A senhora levou a mão ao peito.

— Meu Deus, olhei para o lado errado da estrada.

O coração do Tanner sobressaltou-se, mas depois regressou ao seu ritmo normal. Isto tinha sido fácil em comparação com o que tinha de encarar diariamente quando estava no Afeganistão.

— Nós conduzimos do lado oposto a vocês em Inglaterra. É melhor atravessar só pelas passadeiras.

Ela apertou-lhe o braço.

— Obrigada.

Ele atravessou rapidamente a rua.

Toda a gente lhe dissera que, quando regressasse a casa, iria experimentar uma sensação de irrealidade e que a falta de conflito e caos o podiam deixar entediado. Até agora conseguia ver uma centelha de verdade nisto. Tinha esperanças de que Nova Iorque pudesse ser suficientemente grande e turbulenta para o impedir de enlouquecer. Passou revista às ruas e filas e filas de restaurantes e bares que pareciam acabados de sair de postais. Pelo menos havia comida. Cristo, havia de comer tudo o que lhe aparecesse à frente nos próximos seis meses, uma vez que aqui a comida era segura.

O restaurante afastado chamado The Porterhouse parecia-lhe um local um pouco estranho para se encontrar com o seu novo patrão, mas Richard Sommerville não era conhecido por ser uma pessoa convencional. Embora toda a gente achasse que era um sacana, era um editor muito respeitado de um jornal. E agora até planeava candidatar-se ao Senado.

Trabalhar na Delegação Internacional para *The Standard* seria uma ótima oportunidade para avançar com a sua carreira. Ele passara por muito enquanto correspondente internacional. Agora chegara a altura de vir para casa e ter uma vida normal — o que quer que isto fosse.

Mas planeava descobrir.

Era bom a descobrir coisas.

Quando a porta se abriu, uma campainha soou. Sommerville estava sentado três mesas à direita, a falar ao telemóvel, com aquele ar que a mãe chamava de Menino Floyd Bonito, no seu fato elegante cinzento às riscas finas que o Tanner apostava que custava mais do que um bilhete de avião de Cabul para Nova Iorque. O restaurante tinha cabinas de bancos vermelhos puídos, mesas de madeira gastas e estava vazio. O cheiro a carne fumada com chicória fazia-lhe crescer água na boca. Tanner puxou uma cadeira e esperou não ter de usar fato para este trabalho. Um casaco desportivo, camisa e calças de sarja com vinco era o mais formal que conseguia vestir no dia a dia.

Sommerville levantou o dedo para dizer que estava quase a acabar a conversa.

— Escuta, tenho de ir. Faz o que te digo. Não quero mais desculpas. — Desligou e pousou o telemóvel em cima da mesa com a mesma delicadeza com que um padre pousa um objeto sagrado. — Tanner McBride, que prazer ver-te. Bem-vindo à Grande Maçã.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão, tomando a medida um

ao outro. O Sommerville podia ser um jornalista respeitado, mas era demasiado GQ para o seu gosto. O homem usava mistelas no cabelo louro para o fazer ondular de uma forma que as pessoas chamavam *em voga*. Aos olhos do Tanner parecia só exagerado. E, a avaliar pelo estado das suas mãos, era provável que também fosse à manicura. No entanto, era impossível não ver o brilho no olhar de Sommerville. Predatório, mas com classe. As pessoas estúpidas não se aperceberiam dele.

O Tanner não era estúpido.

Na frente do café, um homem virou o cartaz FECHADO para fora da janela e trancou a porta. O radar do Tanner ficou imediatamente alerta, mas manteve o rosto inexpressivo. O Sommerville queria privacidade. Talvez isto fosse alguma coisa importante e o ponto de encontro tão afastado começava a fazer sentido.

— Vamos pedir qualquer coisa e depois podes falar-me dos teus últimos dias em Cabul.

Ele estava farto de falar de Cabul, mas fez a vontade ao novo patrão. Os jornalistas de secretária costumavam ficar muito excitados com as histórias de guerra dos outros jornalistas.

O Sommerville bebericou o seu uísque enquanto o Tanner lhe fazia um resumo da sua missão maia recente. Mentiras, sangue e morte eram os pontos fundamentais do resumo. Havia boa gente naquela terra, como há em todo o lado, mas ficaria muito feliz se nunca mais tivesse de ver aquele lugar. Deus do céu, estava farto de ver miúdos a morrer por causa de drogas e política.

O Tanner esperou que o Sommerville partilhasse a razão para aquela reunião privada. Estava a meio do bife meio passado quando o Sommerville afastou a bebida, finalmente pronto para falar. O Tanner pegou no copo de água.

— Então, tenho uma nova missão para ti. E é uma coisa importante. — Esfregou as mãos e o som era o mesmo de lixa em madeira.

— Do que se trata?

O telemóvel do Sommerville apitou, mas ele ignorou-o.

— Antes de mais, fiz uma pequena investigação a teu respeito. As pessoas dizem que estás com um *burnout*, que precisas de algum tempo longe das grandes comoções. Por isso, por enquanto vou deixar-te permanecer no doméstico.

O maxilar do Tanner contraiu-se.

— Não foi isso que acordámos.

O Sommerville acenou com a mão.

— Eu sei, mas esta missão é verdadeiramente sumarenta. — Pegou na carteira e tirou uma fotografia lá de dentro.

O Tanner observou-a. A mulher loura da fotografia parecia estar no início dos 30 e era fresca e viçosa. O corte de cabelo recordava-lhe o que as jornalistas da CNN preferiam usar. Era atraente — bonita, se fosse honesto — e os seus olhos verdes de expressão direta denotavam inteligência e confiança.

— Quem é ela?

O Sommerville pousou a fotografia na mesa como se fosse um *croupier* de Las Vegas e virou-a para o Tanner.

— É a minha ex-mulher e quero que faças com que ela se apaixone por ti.

O Tanner desatou a rir. Deu uma palmada no ombro do Sommerville como faria se um Marine lhe tivesse contado uma piada porca para quebrar a tensão enquanto avançavam em território hostil.

— Cristo, essa é muito boa. Vais deixar-me no doméstico. Boa.

O Sommerville sorriu, o que lhe afilava os lábios grossos.

A gargalhada do Tanner desvaneceu-se.

— Estás a falar a sério?

— Eu nunca brinco com o jornalismo. Se a Meredith, é o nome da minha ex, escrever o artigo que propôs à sua chefe, a minha reputação será seriamente prejudicada. Não tenho a certeza se vai deixar-me de fora. Nós tivemos uma pequena... discussão recentemente. Preciso de alguém que a controle. Que seja o foco do seu artigo e que depois esmague a premissa sem dó nem piedade. — Bebeu o resto do uísque. — Não vou deixar que ela arruíne as minhas possibilidades no Senado.

O Tanner espalhou as mãos em cima da mesa.

— Não vejo como isso possa ter alguma coisa que ver comigo.

O Sommerville levantou o copo para que o empregado que ia a passar o enchesse de novo.

— Então deixa-me explicar-te. Sei de fonte segura que a minha ex-mulher vai regressar a casa, a Dare Valley, no Colorado, para escrever um artigo sobre a sua tentativa de encontrar o amor, como uma das heroínas dos romances da Nora Roberts. — Subitamente, pousou um livro em cima da mesa. — Já ouviste falar dela?

O Tanner pegou no livro, *O Testamento*. Será que o Sommerville perdera o juízo?

— Claro que já, a minha mãe lê estes livros. Porquê?

— Porque culpo estes livros pelo nosso divórcio. A minha ex-mulher quer provar que estou errado ao tentar viver a vida de uma personagem da Roberts, para mostrar que os finais felizes existem de verdade.

Muito bem... O Tanner fez sinal ao empregado.

— Um *bourbon*. Está bem.

O Sommerville pegou no livro.

— Fazes ideia de quantas pessoas leem Nora Roberts?

O Tanner encolheu um ombro. Estavam mesmo a falar de romances? Era *esta* a missão importante? O seu trabalho de sonho jazia em cinzas aos seus pés.

— São milhões e milhões. Este artigo será lido por todas as mulheres na América, e possivelmente no estrangeiro também. É preciso impedir a Meredith! Não a vou deixar divulgar... informações menos favoráveis acerca do nosso casamento e o que a levou a tentar fazer esta proeza ridícula. Ela está meramente a agir como uma mulher histórica.

O Tanner cruzou os braços.

— Então e achas que fazer com que a tua ex-mulher se apaixone por mim vai impedi-la, de alguma forma, de ir para a frente com isto?

O Sommerville pegou no copo.

— Sim. Se ela se apaixonar por ti e depois lhe deres com os pés, não vai poder escrever o artigo. Além disso, assim podes sempre vigiá-la por mim. O que importa é o seguinte: não posso deixar que ela crie uma impressão pouco favorável acerca da minha pessoa.

Inacreditável.

— Isso não me parece trabalho para um jornalista.

— Mas é. É perfeito. Pensa nela como um objetivo. Além disso, vai dar-te algum tempo para recuperares. Vais gostar de Dare Valley. É uma pequena cidade universitária nas Rochosas. A família da Meredith tem um pequeno jornal. É provável que já tenhas ouvido falar dele.

O nome ocorreu-lhe então.

— C'um caraças, o *The Western Independent*. — Todos os jornalistas dignos do nome conheciam o pequeno jornal independente fundado por um dos melhores jornalistas de sempre, Arthur Hale. A miúda loura tinha uma ascendência de renome.

— O avô dela nunca gostou de mim, nunca ponderou sequer deixar-me tomar conta do jornal. É um velho excêntrico. Claro que casar com alguém da família Hale me abriu uma série de portas, por isso valeu a pena. Quando

ultrapassarmos esta fase do comité exploratório, o nome vai ajudar a minha campanha. — Esmagou os cubos de gelo. — Consegui fazer com que fosses contratado como professor adjunto da Faculdade de Jornalismo na Universidade Emmits Merriam, a começar já no próximo semestre. Eles ficaram maravilhados que alguém com a tua reputação queira ensinar lá assim, tão em cima da hora. A universidade de artes é pequena, privada e liberal.

O Tanner pousou o *bourbon*.

— Espera um segundo. Aceitaste um emprego na Faculdade de Jornalismo *por mim*?

O Sommerville acabou o uísque.

— Sim, tenta acompanhar-me, McBride.

O Tanner levantou-se. Empurrou a cadeira para trás com tanta força que arranhou o chão de madeira.

— Eu não sei quem diabo julgas que és, mas escolheste o homem errado para isto. O meu advogado vai entrar em contacto contigo para tratar da dissolução do nosso contrato de trabalho. Uma vez que a tua nova oferta quebra todas as condições que acordámos, não espero que contestes a sua resolução.

O Sommerville recostou-se na cadeira.

— Não vai ser preciso. Senta-te, McBride. Há mais.

Tinha de haver, pensou ele com receio. Deixou-se cair pesadamente no lugar enquanto o Sommerville deslizava uma pasta na sua direção. Abriu-a e balançou-se na cadeira. Umas fotografias sujas a preto e branco fitaram-no de volta. A data indicava que eram de há dez meses. A mulher que estava com o irmão não era a sua mulher. Ondas de choque e de tristeza abateram-se sobre o Tanner.

— Pelo que ouvi dizer, o teu irmão está à espera de um filho. É uma pena que não tenha escolhido melhor as companhias quando meteu a pata na poça, no ano passado. As prostitutas têm tendência para arruinar a posição política de qualquer homem, não obstante o seu casamento e vida familiar.

O Tanner fechou a pasta com um dedo. Sentia-se trespassado por uma raiva quente e vermelha.

— Não acredito nisto — disse, apesar de as fotografias parecerem reais. E o David sempre fora mulherengo. Mas uma prostituta?

— Podes verificar à vontade, mas juro-te que são reais. Tu ajudaste a criar o teu irmão, certo? Depois de o vosso pai se ir embora? Deve ter sido difícil para um puto de 14 anos. É muita responsabilidade.

— Tu és um cabrão de merda.

O Sommerville riu-se.

— Como se nunca ninguém mo tivesse dito antes. Isto é apenas um negócio, não é nada pessoal. Preciso que faças uma coisa para mim que tu não queres fazer, por isso encontrei um ponto de pressão sobre ti. É como o mundo funciona.

O Tanner já vira algumas pessoas a serem usadas de formas desprezíveis, mas normalmente ele era aquele que escrevia as suas histórias... não o que as vivia. A sua objetividade abandonou-o por completo. Estendeu um braço sobre a mesa e agarrou a gravata de seda azul do Sommerville.

— Eu podia matar-te por causa disto, porra.

A boca do Sommerville enroscou-se.

— Não estamos em Cabul e esse número de durão não vai ajudar em nada o teu irmão. Eu só te entrego os negativos destas fotografias se fores para Dare e mantiveres a Meredith sob vigilância, se fizeres com que se apaixone por ti e a impedires de escrever a sua história. Larga-me, McBride.

O Tanner deu mais um puxão à gravata antes de a largar e fletir as mãos. O Sommerville não se deixava intimidar com facilidade. Era algo de que devia lembrar-se no futuro.

— Podia dizer-te que não quero saber dessas fotografias. — A mentira queimou-lhe os lábios.

O Sommerville chocalhou os cubos de gelo no copo.

— Ambos sabemos que queres. Liga ao teu irmão e pergunta-lhe se é verdade. Eu espero.

Ele esperava, pois bem. Como uma aranha espera pela mosca.

— Tenho de usar o teu telemóvel. Ainda não comprei um para mim.

Ligou ao irmão e recebeu a conformação de que realmente não precisava. Se vivesse num universo paralelo, talvez pudesse levantar-se e ir embora. Mas prometera à mãe que ia sempre cuidar do irmão mais novo. Apesar de já não viverem juntos e de o David ser maior e vacinado, não podia recusar ajudá-lo. Principalmente agora, que ele voltara a assistir às reuniões dos AA e que estava a reconstruir a sua vida. Estava a fazer algo de bom, para variar. Trabalhava no governo local para ajudar a sua comunidade.

— Muito bem, das duas uma, ou montaste isto para o fotografares ou compraste estas fotografias a alguém. Como foi? — perguntou depois de desligar o telemóvel.

O Sommerville recostou-se novamente no banco.

— E isso importa? Quando as pessoas concorrem a cargos públicos,

ficam sob os holofotes, exatamente como eu estou prestes a fazer. O teu irmão cometeu um erro. Eu capitalizo os erros dos outros. Mas não vou deixar que ninguém capitalize os meus.

— E porquê eu? Podias contratar um milhar de gajos mais bem-parecidos para impedires a tua ex-mulher.

Ele girou a bebida no copo.

— Porque tu és a combinação perfeita. Tu e a Meredith andaram ambos na Universidade Columbia com bolsas de natação. Podem sempre recordar os Leões de Columbia juntos. Grr-grr e essas coisas todas. Além disso, estiveste em zonas de guerra e conseguiste construir uma reputação bastante impressionante. A Meredith vai respeitar-te enquanto jornalista.

— Acho que estás a sobrevalorizar a minha influência.

— Não, não estou. Eu próprio me safei muito bem com as mulheres usando estes argumentos, ou algo parecido. — Levantou o copo num brinde trocista. Mais importante do que isto, ensinar jornalismo em Dare é a desculpa perfeita e é uma jogada que faria perfeito sentido para alguém do teu calibre que regressa de uma missão no estrangeiro. Não admiras o Arthur Hale?

— Quem não o admira?

— Ninguém sabe que te juntaste à minha equipa, o que faz com que tudo isto seja bastante discreto. No que diz respeito à Meredith, não tens nada com que te preocupares. Não vais apaixonar-te por ela. Ela não faz o teu estilo e tu tens uma noção de ética demasiado apurada para retirares algum prazer desta situação.

O empregado aproximou-se, mas virou-se quando o Tanner lhe dirigiu um olhar ácido.

O Sommerville fez deslizar a fotografia sobre a mesa.

— Escuta, não vai ser assim tão mau. Acredita em mim. A Meredith é linda. Vais poder descansar durante uns tempos. Encara-o como umas férias.

O Tanner pegou na faca do bife e apoiou o bico na ponta do dedo. Só lhe apetecia enfiá-la no pescoço do Sommerville.

— Deves detestar mesmo a tua ex-mulher.

Os olhos do patrão toldaram-se.

— Ela queria uma vida retirada de um romance: fidelidade eterna, companheirismo, uma família. E eu não sou assim. — Pegou no livro. — Estes livros puseram-lhe montes de ideias na cabeça. Eu só estou a proteger os meus interesses.

O Tanner largou a faca. Até arranjar uma forma de se safar disto, ia ter de alinhar nesta loucura.

— Já acabámos?

O Sommerville tirou outro ficheiro da pasta.

— Aqui tens o teu bilhete para Denver, a informação do aluguer de carro, a tua nova morada em Dare e o teu contacto no departamento de jornalismo, assim como um relatório completo das coisas de que a Meredith gosta e não gosta. Estuda-o bem e vai para lá. Ela chega amanhã.

— Quando começa o ano letivo?

— Daqui a duas semanas, logo a seguir ao Dia do Trabalhador.

O Tanner levantou-se e estendeu o braço para a pasta. Abriu as pernas numa postura de luta.

— Quando acabar isto, se não me entregares tudo o que tens sobre o meu irmão, quem te vai destruir, a ti e às tuas pretensões de ires para o Senado, sou eu. Não é uma promessa. É um maldito voto de sangue, como aqueles que vi fazerem no Afeganistão.

Virou-se para ir embora, com a cabeça a projetar mil cenários sobre como podia escapar a este acordo com o diabo antes de a sua reputação ficar manchada e antes de magoar uma mulher inocente.

— E eu aqui a pensar que depois podíamos voltar ao nosso acordo original — respondeu o Sommerville com uma voz repleta de ironia e malícia.

As botas do Tanner ecoaram no chão.

— E quero relatórios semanais — acrescentou o Sommerville.

Destrancou a porta e bateu com ela ao sair.

Ele havia de apresentar os relatórios àquele cabrão, havia.

Capítulo 3



— **M**eri-meri!
A Meredith estremeceu tanto pela alcunha como pelo grito em que foi exclamada. A irmã saiu do alpendre da casa de família a correr, com o cabelo ruivo a esvoaçar atrás de si como chamas.

— Jillie! — Pousou a bolsa na capota do carro e preparou-se. A irmã atirou-se a ela e envolveu-a nos seus braços enquanto saltava sem parar.

— Mere, estou tão feliz por teres voltado! — A Jill afastou-se, os olhos verdes dos Hale brilhavam, e a seguir atirou-se novamente à irmã. — Oh, estás aqui, estás aqui!

Meredith apertou-a com força. Embora a irmã mais nova fosse dez centímetros mais alta do que ela, neste momento comportava-se como um cachorrinho Labrador — apesar de ter um vestido lilás às bolinhas brancas. O seu coração animou-se, e desatou a rir, desatando os nós no estômago cheio de *Pepcid*.

— És tão tonta. Larga-me!

A Jill inclinou-se para trás e pôs um braço em volta da cintura da irmã.

— Foi este o *Audi* que compraste com o dinheiro do Rick-o-Cabrão?

— É um aluguer de longa duração. Achei que, se ia ficar aqui durante algum tempo, ia precisar de um carro. Anda que é uma maravilha.

A Jill andava aos saltinhos como uma fada gigante, a deixar pegadas na relva acabada de cortar.

— Mal posso esperar por ir dar uma volta. — Voltou a aproximar-se da irmã e estendeu a mão para a *t-shirt*. — Agora, mostra-me o teu *La Perla*.

A Meredith enxotou as mãos com uma palmada.

— Para com isso!

Sem se deixar perturbar, a Jill puxou-lhe a *t-shirt*.

— Oh, um sutiã cor de arando. A minha irmã que só vestia algodão passou-se para o lado selvagem.

A Meredith acenou aos pais que vinham a arrastar os pés pelos degraus do alpendre, obviamente um pouco desconfortáveis com o *strip tease* que se desenrolava no seu jardim da frente.

— Cala-te com essas coisas! A mãe e o pai vêm aí.

A Jill bufou.

— Como se a mãe não quisesse ver isto também. Vejo Londres, vejo Bruxelas, vejo a Meredith de cuecas.

— Comporta-te! — exclamou a Meredith, agarrando-lhe no braço. — Mais tarde mostro-te todas as minhas roupas novas.

— Prometes?

— Sim.

A irmã correu através do relvado.

— A Meri-meri chegou!

— Pois, já vimos — disse a Linda Hale. O rosto levemente enrugado tinha aquele brilho estranho das mães quando os seus filhos regressam a casa. O cabelo ruivo da mãe tinha ainda mais fios brancos do que da última vez em que a vira, depois do ataque cardíaco do pai. — Obrigada por vires, querida. Significa muito para nós.

— Estás maravilhosa — comentou o Jim Hale com um piscar de olhos. Sulcos profundos abriam trincheiras por baixo dos olhos e em redor da boca do pai. — Adoro o cabelo. Mas, apesar de estar muito feliz por estares aqui, não precisavas de vir só para me aliviar do meu dever enquanto trabalhador. Bolas, ninguém dá ouvidos ao que eu digo?

— Não — responderam a mãe e a irmã em unísono.

Os pais abraçaram-na ao mesmo tempo. Ela retribuiu o abraço, inspirando o seu aroma com um sorriso carinhoso. A mãe usava um creme de corpo de verbena-limão. E o aroma do pai a aguarrás, que usava no seu passatempo de restauro de móveis, nunca se desvanecia.

Ao ver o impacto que os problemas de saúde do pai tinham tido sobre eles, ficou feliz por ter decidido regressar a casa durante três meses. Era a primeira vez que olhava para os pais e pensava que estavam a envelhecer.

A casa que tinham alugado em Sedona iria proporcionar-lhes o descanso de que precisavam e, uma vez que ficava apenas a um dia de distância de carro, podiam regressar a Dare sempre que quisessem. Nunca conhecera ninguém que gostasse tanto de andar de carro como os pais.

A mãe abraçou-a novamente.

— Fico tão contente que a tua chefe tenha concordado em que tirasses este tempo. Não sabes o que significa para nós.

A Meredith acariciou-lhe as costas.

— Não há problema, mãe, fico muito feliz por poder ajudar.

A âncora que normalmente lhe puxava o coração para o estômago desapareceu. Aqui, as pessoas gostavam dela. Aqui, podia ser a verdadeira Meredith sem ter medo de que a traíssem. Podia rir e descontraír. Soltar-se um pouco mais. Sentia-se envolvida numa imensa folha de celofane há demasiado tempo, que a comprimia e restringia.

Arthur Hale apareceu atrás dos pais.

— Já não era sem tempo — resmungou, batendo com a bengala perto do pé dela. — Dá um beijo ao teu avô. — Deu-lhe um beijo no rosto e ela sentiu a sua respiração quente e doce, o que a fez sorrir. O avô olhou para ela com os olhos semicerrados e uma madeixa de cabelo branco a cair-lhe sobre a testa. — Bem, estou a ver que voltaste a ser ruiva. Ainda bem. Aquele ar de loura explosiva nunca combinou muito bem contigo.

Ela apertou-lhe o braço levemente e sentiu a sua pele envelhecida que parecia couro curtido.

— Obrigada, avô. Sabes mesmo como chegar ao coração de uma rapariga.

Ele espetou-lhe um dedo — num gesto bastante vigoroso para um velhote de 75 anos.

— Olha que, antes de conhecer a tua avó, cheguei ao coração de muitas mulheres, sim senhora. Então vais ser a minha nova protegida, é? Acho que és capaz de servir.

Ela semicerrou os olhos também.

— Oh, podes crer que sirvo.

Ele voltou a dar-lhe um toque com a bengala, olhando para ela através dos óculos.

— É o que as famílias fazem, ajudam-se.

— Eu sei.

O coração da Meredith sobressaltou-se quando a mãe limpou uma lágrima. Oh, Deus do céu, a mãe nunca chorava. Quando o pai lhe agarrou na

mão, ela olhou freneticamente para a Jill. A irmã também estava a afastar uma lágrima do rosto. Sentiu que o coração lhe caía aos pés. Então a situação era *realmente* difícil.

O avô aproximou-se, com um rebuçado entre os dentes.

— Ouvi dizer que o idiota do teu ex-marido está a pensar em candidatar-se ao Senado. O que pensas disso? — Os seus olhares silenciosos podiam ser muito intimidantes. Arthur Hale tinha uma aptidão particular em avaliar as pessoas e olhar para a sua alma.

Quando sentiu uma onda de raiva a invadi-la, a Meredith olhou para o chão. Procurou a chave do carro na mala e evitou o olhar do avô.

— Isso são lá assuntos dele, não são?

— Oh, avô, deixa lá esse assunto em paz — interrompeu a Jill. — Estás a estragar o regresso da Mere a casa. Não me obrigues a tirar-te a bengala, velhote.

Ele rosnou.

— Esta rapariga não tem respeito nenhum pelos mais velhos. — Mas despenteou o cabelo da Jill e recuou. — Muito bem. Fico contente que a tua chefe não tenha levantado problemas e que o teu pai assim possa tirar algum tempo para descansar. Não quero que tenha mais nenhum ataque cardíaco. Caramba, só tem 52 anos. Tem os genes infernais do meu pai, é o que é.

— Ele ainda cá vai andar muito tempo, Arthur — disse a mãe da Meredith com um sorriso. — E, sim, estamos muito gratos à tua chefe. Quando falares com ela agradece-lhe novamente em meu nome, Mere.

Ela sorriu.

— Mãe, já disseste isso uma centena de vezes. E eu já lhe agradeci.

— Então, foi muito generoso da parte dela.

— Eu vou continuar... a trabalhar em algumas peças para ela. — Não especificou o quê. Se se soubesse que planeava encontrar o amor ao estilo Nora Roberts e que depois escreveria sobre isso, toda a gente naquela cidade pequena havia de falar do assunto. E ela não queria expor-se desta forma ao escrutínio das pessoas, de maneira nenhuma. Além disso, não sabia como os homens locais iam reagir ao seu artigo. Se ela fosse um homem, este assunto seria um enorme corta-tesão.

— É fácil para a Karen ser generosa, não é ela que te vai pagar — bufou o Arthur. — A rapariga está a cobrar-me uma exorbitância pelo salário.

— Eu valho bem o dinheiro.

— Vamos ver, minha menina.

A mãe pegou-lhe na bolsa.

— Querida, fiz todas as tuas comidas favoritas. Frango frito, puré de batata e milho. Para sobremesa, temos tarte de limão merengada.

O pai bateu na barriga de tamanho médio.

— Hoje, a tua mãe até me vai dar um dia livre de dieta. Fico a dever-te uma, Mere, se tiver de comer mais fibras, vou...

— Oh, fecha a matraca, Alan — ordenou a mãe. — É para o teu bem.

— Muito bem, vocês os dois. Posso só dizer que estou muito feliz por estar de volta? — interrompeu a Meredith.

E estava realmente. Os seus olhos viajaram até às montanhas que os rodeavam. As rochas cinzentas irregulares erguiam-se à sua volta como templos. As faias, amieiros e os choupos explodiam por todo o lado com as suas cores de início de outono. Sentiu a pele dos braços arrepiada. Deus, isto aqui era tão bonito, tão diferente de Nova Iorque. Sentiu um momento de pânico. Seria realmente capaz de ficar ali durante três meses? Pressionou as mãos contra o peito. Ia jurar que ouviu uma voz rouca responder-lhe mentalmente, *claro que sim*. Bem, que estranho.

— Vamos ficar aqui o resto do dia a admirar a vista? — perguntou o avô Hale. — Estou cheio de fome.

Enquanto os pais se encaminharam para casa, a Meredith foi à mala do carro.

A Jill puxou-lhe o braço.

— Vais ficar comigo, Mere. No fim do jantar vamos para a minha casa.

Ficar com a Jill? Ela adorava a irmã, mas...

— Não sei...

A Jill abanou a cabeça, com os brincos compridos a roçarem-lhe nos ombros.

— Não digas que não, Mere. Não queres ficar aqui sozinha em casa dos pais, pois não?

— Vamos ver...

— O avô também se ofereceu para ficares lá em casa, mas acabámos por lançar uma moeda ao ar.

— Ela fez batota — disse o avô, batendo com a bengala no passeio. — Não tens de respeitar o lançamento da moeda, Meredith.

Não tinha pensado que a família já teria tudo organizado antes de ela chegar.

— Eu...

A irmã puxou-a para casa.
— Vai ser divertido.
Divertido? Onde se metera ela?